

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E EDUCAÇÃO SOBRE DROGAS: CAMPO DE DESENVOLVIMENTO DAS HABILIDADES SOCIAIS

Gelsimar José Machado¹⁹

Raul Aragão Martins²⁰

Liana Abrão Romera²¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar os resultados de um programa denominado Educação Sobre Drogas e Habilidades Sociais, desenvolvido em uma escola no interior do estado do Espírito Santo, Brasil, na disciplina de Educação Física. Participaram 145 estudantes do ensino fundamental e ensino médio com idades entre 11 e 17 anos. Foram 10 encontros temáticos sobre álcool e outras drogas e habilidades sociais com avaliação ao final a partir do Google Formulários. O programa foi bem aceito pelos participantes e contribuiu com novos conhecimentos sobre o tema drogas. Conclui-se que as habilidades sociais podem se apresentar como um dos recursos importantes para a educação sobre drogas ao permitir que outras áreas da vida dos envolvidos sejam problematizadas.

Palavras-chave: habilidades sociais; prevenção ao abuso de drogas; adolescência.

¹⁹ Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo.

²⁰ Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista.

³ Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo.

Endereço para correspondência: Rua Tércio Correa dos Santos, 185, Centro, Santa Maria de Jetibá, ES, Brasil.
E-mail: geljm@hotmail.com

Introdução

O presente artigo discute os resultados de um programa denominado “Educação sobre drogas e Habilidades Sociais” desenvolvido em uma escola pública estadual no interior do estado do Espírito Santo. O objetivo das ações foi problematizar o tema drogas com a mediação das habilidades sociais durante as aulas de Educação Física dos anos finais do ensino fundamental e série inicial do ensino médio.

Pesquisas desenvolvidas entre a população local revelaram que as dívidas, o descontrole emocional, a falta de diálogo, o pouco apoio familiar e social e a depressão podem representar associação com o suicídio, fatores com estreita relação com o nível de alcoolismo na região (Fehlberg & Menandro, 2015; Potratz, Costa, & Jardim, 2015). Esses estudos mostram que o consumo prejudicial de bebidas alcoólicas é compreendido como parte da tradição cultural de descendentes europeus que formam a maioria da população.

Levantamentos nacionais mostram evidências do consumo e experimentação precoce de álcool e outras drogas no início da adolescência, entre 12 e 17 anos de idade, e, inclusive, antes dessa fase do desenvolvimento. O álcool é a droga mais consumida e possível precursora dos usos das demais (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, 2012; Brasil, 2016). Diante dos resultados dos estudos epidemiológicos, faz-se importante o desenvolvimento de programas educativos com o público adolescente, pois esta fase da vida se constitui como um momento suscetível para a experimentação de álcool e outras drogas, especialmente por parte da população jovem. Todavia, quando os programas de prevenção ou educação sobre drogas ocorrem no espaço escolar, muitas das intervenções são pontuais, sem sistematização, com vertente moralista, pautadas na informação e desenvolvidas por profissionais exteriores à escola (Dallo, 2014; Cruz, Martins & Silva, 2016).

O programa que deu origem a este relato foi desenvolvido como parte da disciplina de Educação Física escolar realizada junto aos estudantes do ensino fundamental II e médio. Originou-se devido a demanda do contexto no qual o município está inserido, pois, mesmo apresentando elevados índices de uso de álcool, há poucas intervenções educativas. As ações foram desenvolvidas tendo como recursos didáticos as dinâmicas, jogos, brincadeiras e outras práticas corporais que despertam a atenção do público adolescente. O nome da escola será omitido por questões éticas.

A disciplina de Educação Física se apresenta como uma das possibilidades para desenvolver ações na escola que buscam a promoção da saúde dos estudantes. Documentos federais da Educação Física e outras disciplinas, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil,

1998) e a Base Nacional Comum Curricular BNCC (Brasil, 2017), apontam para a necessidade de ações que ultrapassem o aspecto procedimental dos conteúdos na escola. Entretanto, observa-se uma lacuna existente na efetivação do trabalho de educação sobre drogas no ambiente escolar.

A partir dessa e outras reflexões, o programa “Educação sobre drogas e Habilidades Sociais” promove a problematização sobre as temáticas que envolvem os usos de drogas com o objetivo de desenvolver ações sem a ênfase no discurso proibicionista ou de “guerra às drogas”, estratégia de repressão que não promoveu resultados positivos esperados ao longo das últimas décadas (Sodelli, 2010; Moreira, Vóvio, & De Micheli, 2015). Visando muito mais do que prevenir os diferentes tipos de consumo, a educação sobre drogas estimula a reflexão, o pensamento crítico, a autonomia e o diálogo como maneiras de abordar o tema drogas na escola permitindo que os estudantes também sejam ouvidos e participem ativamente das ações (Coelho & Monteiro, 2017).

Nessa direção, Midford (2009) relata que uma intervenção deve ser direcionada para reduzir danos e não produzir a abstinência somente, pois programas com este foco valorizam o indivíduo, seu bem-estar e sua saúde. Eles colocam a abstinência como meta final. Moffat et al (2017) observam que as interações proporcionadas pelas discussões entre professores e estudantes em sala de aula são importantes para reduzir ou cessar o consumo, além de promover a desconstrução de percepções e conceitos equivocados. Os autores também destacam a necessidade de envolver os estudantes na discussão sobre a tomada de decisão quanto ao uso de drogas ao invés de focar na redução ou abstinência. As ações que promovem discussões, reflexões e o pensamento crítico estão entre os fatores significativos de uma educação sobre drogas com resultados positivos.

As atividades que compõem o presente programa foram inspiradas pelo programa federal #Tamojunto (Ministério da Saúde, 2017), combinado com os trabalhos de Del Prette e Del Prette (2014; 2017), tendo como base o desenvolvimento de habilidades sociais, que tem sido apresentadas como uma das abordagens possíveis para problematizar o tema drogas, além de outras situações do cotidiano escolar, como a indisciplina e o *bullying*. Habilidades sociais referem-se a diferentes classes de comportamentos no repertório do indivíduo para lidar com as demandas das situações interpessoais (Caballo, 2016). São habilidades divididas em classes e subclasses, sendo as principais: comunicação, civilidade, fazer e manter amizade, empatia, assertividade, expressar solidariedade, manejar conflitos e resolver problemas interpessoais, expressar afeto e intimidade, coordenar grupo e falar em público (Del Prette & Del Prette, 2017).

Com características metodológicas participativas, as intervenções com base nas habilidades sociais tendem a apresentar resultados significativos para além do consumo de drogas, se

constituindo como uma das estratégias com potencial para resultados mais promissores se comparados com modelos tradicionais que estão focados apenas na transmissão de informações (Cuijpers, 2002). Em estudo com 358 adolescentes espanhóis, Espada, Griffin, Pereira, Orgilés e García-Fernández (2012) constataram menor consumo de álcool e intenção em usar drogas com os participantes de um programa denominado Saluda com a utilização das habilidades sociais para a prevenção e educação sobre drogas. Desenvolvido com estudantes do ensino médio, o estudo demonstrou melhores resultados nas habilidades para a resolução de problemas. Outro estudo com 100 estudantes do ensino médio, no Irã, identificou-se resultados positivos para a redução do abuso de drogas, violência e estresse na comparação com o grupo controle (Jamali, Sabokdast, Nia, & Goudarzian, 2016). Os métodos utilizados na abordagem foram palestras, atividades grupais, encenações e dinâmicas com perguntas e respostas.

Os estudos supracitados referem-se a programas desenvolvidos em locais distintos, mas que apresentam aspectos em comum, ou seja, bons resultados a partir das atividades desenvolvidas buscando ações educativas quanto ao uso de drogas. Além dos efeitos sobre o consumo das substâncias psicoativas, os estudos procuraram deixar em evidência o impacto dos programas nas habilidades pessoais e interpessoais dos estudantes, uma vez que seus autores aparentam compreender que a educação sobre drogas tem como subsídio o fortalecimento dessas habilidades nos estudantes.

Contudo, os estudos não são unânimes quanto a relação entre a falta ou deficit em habilidades sociais e o uso de drogas. Aliane, Lélío e Ronzani (2006) realizaram um estudo com 80 pessoas, sendo 40 participantes dependentes de álcool e os demais apresentando consumo não abusivo. Os resultados não foram significativos para confirmar a existência da relação entre a dependência e deficits em habilidades sociais. Em uma pesquisa com 47 pessoas em tratamento da dependência de álcool e outras drogas, Sá e Del Prette (2014) apontaram que a dependência ou abstinência de drogas não tem relação com a presença ou deficits em habilidades sociais. Já Felicissimo, Casela e Ronzani (2013) realizaram um levantamento das produções científicas acerca da relação entre deficits em habilidades sociais e dependência de drogas e a efetividade do treinamento dessas habilidades no tratamento. Apesar de resultados positivos como o maior controle das emoções, o treinamento em habilidades sociais não se mostrou superior as outras formas de trabalho.

O objetivo desse trabalho é apresentar e analisar os resultados do programa “Educação sobre drogas e Habilidades Sociais”. O programa aqui relatado baseou-se numa vertente não-moralista, no qual valorizou-se mais o indivíduo do que as substâncias psicoativas, e busca, de modo

oposto ao tradicional, problematizar o tema drogas contribuindo para a construção de uma percepção crítica, com subsídios para a tomada de decisões conscientes e responsáveis.

Metodologia

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa-ação. Para Thiollent (2005), esse método de pesquisa social realiza-se com o envolvimento entre pesquisadores e participantes em associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, sendo desenvolvidas com os participantes e não para eles, permitindo conhecimento e compreensão sobre o que está sendo realizado. Para o referido autor, “Trata-se de um método, ou de uma estratégia de pesquisa agregando vários métodos ou técnicas de pesquisa social, com os quais se estabelece uma estrutura coletiva, participativa e ativa ao nível de captação de informação” (Thiollent, 2005, p. 28). A pesquisa-ação pode ser desenvolvida em diferentes ambientes, como nas áreas de educação, saúde, trabalho e política.

Participantes

O critério de seleção das salas participantes esteve vinculado às turmas que tivessem duas aulas semanais da disciplina de Educação Física, dentro das etapas do ensino fundamental II e ensino médio. Desse modo, no ano de execução das ações, fizeram parte do programa “Educação sobre drogas e Habilidades Sociais” estudantes do 6º, 7º e 9º ano do ensino fundamental II, e a 2ª série do ensino médio. Foram sete turmas num total de 145 estudantes com idades entre 11 a 17 anos. O programa foi desenvolvido em uma escola pública estadual em um município localizado na região serrana no interior do estado do Espírito Santo, localizado cerca de 100 km da capital do estado, com aproximadamente 40 mil habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020). A escola atende alunos do ensino fundamental I, fundamental II e ensino médio.

Procedimentos

Foram realizados 10 encontros temáticos de educação sobre drogas e habilidades sociais com periodicidade mensal junto às turmas selecionadas. A periodicidade se deve ao fato de poder propor as ações ao longo do ano. Durante e após o desenvolvimento de cada encontro, as percepções e demais informações relevantes foram registradas em diário de campo.

No encontro sobre “O Que São Drogas?”, foram problematizados aspectos gerais sobre a história das drogas como parte da humanidade, os tipos de substâncias, lícitas e ilícitas, tais como as bebidas alcoólicas, o “rebite” (tipo de anfetamina muito comum na região utilizada por caminhoneiros) e os medicamentos farmacêuticos.

Para a sessão sobre “Crenças Normativas”, foram abordadas informações científicas sobre o consumo de drogas no Brasil entre adolescentes com base em pesquisas epidemiológicas. Subdivididos em pequenos grupos, os estudantes foram instigados a debater acerca dos percentuais de consumo de drogas e sobre as normas sociais, muitas vezes encaradas como gerais, como a necessidade do uso de drogas como transição para a idade adulta.

Para tratar das “Informações sobre o Tabaco”, foi desenvolvida uma atividade esportiva no ginásio de corrida com barreiras. Os estudantes foram separados em grupos. A cada rodada, um aluno deveria realizar o percurso saltando sobre barreiras, encontrar e trazer uma questão para ser discutida e respondida no grupo.

Foram problematizados os tipos de consumo a partir da sessão “Avaliação do Consumo de Álcool”. Utilizou-se o Teste de Identificação de Distúrbios do Uso de Álcool (Alcohol Use Disorders Identification Test), o AUDIT (Babor, Higgins-Biddle, Saunders, & Monteiro, 2001), instrumento desenvolvido com o apoio da Organização Mundial da Saúde (OMS). Composto por 10 questões, a pontuação do AUDIT é classificada: de 0 a 7 pontos (pessoas que não consomem ou consomem pouco); de 8 a 15 pontos (usuários de risco consumindo acima de duas doses diariamente ou mais que cinco doses em única ocasião); de 16 a 19 (pessoas que apresentam uso nocivo); e de 20 a 40 pontos (apresenta grande possibilidade de dependência).

O autocontrole envolve habilidades de reagir com calma a situações aversivas, como sentimento de frustração, desconforto, raiva, humilhação. Significa expressar desagrado de forma socialmente competente e com controle sobre os próprios sentimentos negativos. Para o encontro “Controle do Estresse”, foi desenvolvida a dinâmica Viagem de Cruzeiro (Romera & Machado, 2020). Na atividade os estudantes deveriam manter o controle e descobrir o sentido da situação hipotética.

Para problematizar o tema “Lidar Com e Ansiedade”, foi desenvolvida a atividade denominada de Jogo do Silêncio (Del Prette & Del Prette, 2017). Foi problematizado a diversidade de possibilidades acerca dos contextos a serem resolvidos, e que, na medida que enfrentamos um problema, é mais fácil passar pela situação.

Assertividade é a capacidade de lidar com cenários que envolvem a afirmação e a defesa de direitos e autoestima. Envolve as habilidades como recusar pedidos abusivos e não abusivos,

resistir à pressão do grupo, demonstrar desagrado e encerrar uma conversa. Para a atividade “Desenvolvendo a Assertividade”, foram utilizadas as dinâmicas Círculo Fechado e Nem Passivo, Nem Agressivo: Assertivo (Del Prette & Del Prette, 2014). Discutiu-se situações cotidianas sobre respostas agressivas (ofensivas), assertivas (expressão de modo adequado) ou passiva (dificuldade para expressar seus pensamentos). Foi debatido que respostas passivas ou agressivas podem ocorrer quando uma pessoa não tem assertividade.

A empatia abrange as habilidades de identificar sentimentos e problemas do outro, expressar compreensão e apoio, pedir desculpas, negociar soluções em situação de conflito de interesses e preocupar-se com o bem-estar do outro. A atividade problematizadora da sessão sobre “Empatia” foi usar uma venda para simular uma pessoa com deficiência visual e se deixar guiar pelo colega por espaços da escola até o ginásio, finalizando com uma cobrança de pênalti como parte da modalidade paralímpica Futebol de 5.

Para abordar a “Resolução de Problemas e Criatividade”, a atividade foi realizada de forma lúdica com os alunos divididos em trios. O objetivo do trio era atravessar o pátio da escola pisando apenas nas folhas cedidas para cada um dos integrantes. Problematizou-se sobre diferentes formas possíveis para a resolução de situações. Outra atividade foi dividir uma folha de papel em três partes e realizar uma figura diferente com cada parte sem o auxílio de material para estimular a criatividade.

Para as “Informações Sobre Drogas” foi desenvolvido um jogo no qual a turma foi dividida em 4 grupos de modo aleatório com o intuito de revisar as discussões sobre o tema no decorrer do programa. Foram distribuídas para cada grupo placas com as opções V (para verdadeiro) e F (para falso), SIM, NÃO, A, B, C e D. Após o anúncio da pergunta, os integrantes do grupo deveriam debater a questão e levantar a placa com a resposta. A leitura mais detalhada das atividades pode ser contemplada na pesquisa Treinamento em habilidades sociais na prevenção ao abuso de álcool e outras drogas (Machado, 2020).

Avaliação dos encontros temáticos

Com relação à avaliação das ações, optou-se por utilizar um questionário anônimo com 10 perguntas abertas e fechadas a partir de *link* criado no *Google Formulários* e respondido pelos estudantes na própria escola, no laboratório de informática. O *link* também foi enviado ao grupo de *whatsapp* das turmas para que os ausentes pudessem avaliar o programa, já que alguns estudantes que haviam atingido a média para avançar para a próxima etapa estavam

comparecendo à escola esporadicamente no final do ano letivo. Todavia, por se tratar de uma região rural, alguns estudantes não possuem internet e não puderam participar da etapa avaliativa.

Dentre as vantagens que colaboram atualmente para o processo de pesquisa, o *Google Formulários* é de simples utilização, pode ser acessado em qualquer local e horário (desde que haja internet disponível) e é dinâmico para a coleta e análise dos dados, servindo tanto para a pesquisa como para avaliação dos estudantes (Mota, 2019).

Resultados e Discussão

Quanto aos resultados da avaliação do programa “Educação sobre drogas e Habilidades Sociais” (Tabelas 1 e 2), 96 estudantes responderam ao questionário pelo *Google Formulários*. Perguntados sobre como avaliavam o programa, 46 (47,9%) disseram que foi *Bom* e 40 (41,7%) responderam *Ótimo*. Com participação significativa no decorrer das atividades, 86 (89,6%) consideraram que os temas foram importantes para lidar melhor consigo mesmo e com outras pessoas. Sobre o álcool e outras drogas, 93 estudantes (96,9%) disseram que tiveram aquisição de novos aprendizados. Avaliado como positivo, 85,4% dos respondentes gostariam de mais atividades do programa no ano seguinte.

Tabela 1. Avaliação das atividades do programa

| Como você avalia as atividades desenvolvidas sobre as Habilidades Sociais e uso de drogas? | | |
|--|----|------|
| | Nº | % |
| Ruim | 5 | 5,2 |
| Regular | 5 | 5,2 |
| Bom | 46 | 47,9 |
| Ótimo | 40 | 41,7 |

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 2. Aprendizados e perspectivas do programa.

| | Nº | % | |
|--|----|------|--------------|
| Você acha que os temas foram importantes para você saber lidar melhor com você mesmo e com outras pessoas? | 86 | 89,6 | Sim |
| | 0 | 0,0 | Não |
| | 10 | 10,4 | Parcialmente |
| Você aprendeu algo novo sobre o álcool e outras drogas? | 96 | 96,9 | Sim |
| | 0 | 0,0 | Não |
| | 3 | 3,1 | Parcialmente |

| | | | |
|---|----|------|--------------|
| Gostaria de mais atividades de tipo no próximo ano? | 82 | 85,4 | Sim |
| | 2 | 2,1 | Não |
| | 12 | 12,5 | Parcialmente |

Fonte: Elaborado pelos autores.

As discussões acerca do consumo de drogas no Brasil e no mundo têm impulsionado a realização de pesquisas ao longo dos últimos anos. Observa-se constante preocupação com o público adolescente, já que o uso de drogas nessa fase pode apontar sinais para o consumo regular ou prejudicial quando se atinge a idade adulta.

Uma das pesquisas brasileiras mais recentes é o III Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas Pela População Brasileira (Bastos, Vasconcellos, De Boni, Reis & Coutinho, 2017). Os dados revelaram que o consumo de bebidas alcoólicas na vida foi de 66,4%. Entre os adolescentes de 12 a 17 anos, a média de idade para a primeira ingestão foi de 13,5 anos, tendo destaque a possibilidade de correlação desse consumo precoce e casos de dependência na vida adulta. A experimentação para o tabaco apresentou a média de 12,6 anos. Em relação ao uso de substâncias ilícitas, identificou-se maior prevalência para o consumo na vida de maconha (haxixe/skank) (7,7%), cocaína (3,1%) e *crack* e outras drogas similares representaram 0,9%. A média de idade para o primeiro consumo dessas substâncias foi de 13,1 anos. O Levantamento ainda demonstrou que as substâncias que mais constituíram motivo para tratamento foram bebidas alcoólicas, tabaco e cocaína em pó.

A referida pesquisa desvela que o maior consumo de drogas entre a população brasileira é o álcool, sendo o oposto do que é compreendido pelo senso comum, ou seja, o entendimento de que as substâncias ilícitas são as mais consumidas. De modo geral, as informações sobre drogas que orientam a população são oriundas da grande mídia, especialmente a internet e a televisão. Estes veículos que medeiam as informações para com a sociedade, muitas vezes, estão sob influências políticas e interesses econômicos, ocasionando a difusão de inverdades ou dados equivocados sobre o tema das drogas.

Na presente experiência com o programa “Educação sobre drogas e Habilidades Sociais”, saber que a cerveja é classificada como um tipo de droga mostrou-se uma importante descoberta para os estudantes, assim como saber que o álcool é a substância psicoativa mais consumida entre a população, e não as drogas ilícitas, como se pensava.

Eu não sabia que cerveja era considerada uma droga (Estudante do 6º ano).

Aprendemos coisas que nem se quer tinha ouvido antes e como devemos tomar cuidado com certas coisas, como o alcoolismo, e até sobre remédio, que é um tipo de droga (Estudante do 6º ano).

Na descrição acima nota-se que não apenas as bebidas alcoólicas passaram a ser compreendidas como drogas por alguns estudantes, mas também os medicamentos. Observou-se que as ações referentes à educação sobre drogas podem contribuir com o acréscimo de conhecimento e com noções equivocadas sobre o tema, como se confirmam os relatos de alguns estudantes:

Porque a pessoa podia pensar bem no que está fazendo, porque assim usa com consciência (Estudante do 9º ano). As aulas ensinam o que os pais não conseguem conversar com os filhos e explicar o que realmente são as drogas. Consegui entender bem o que o uso de drogas causa (Estudante do 9º ano).

Várias coisas eu já sabia, mas com essas aulas melhorei minha forma de pensar sobre certas questões; algumas graves consequências que podem acontecer com usuários de drogas (Estudante da 2ª série).

Aprendi que algumas coisas que eu bebo são drogas. Eu aprendi sobre minha relação social com as pessoas, e também a questão do uso de drogas na adolescência, os efeitos das drogas nas pessoas, o consumo de álcool e suas consequências (Estudante do 9º ano).

Mesmo sendo tema de constantes preocupações e debates em distintos cenários sociais, falar sobre drogas utilizando apenas argumentos superficiais impossibilita melhores resultados para a problematização. Especialmente quando o assunto é abordado na escola, é preciso que haja conhecimento oriundo de fontes científicas para falar em educação sobre drogas de modo a contribuir com o saber dos estudantes, ao invés de causar amedrontamento ou provocar efeito iatrogênico. Intervenções com este caráter são as que mais trazem resultados positivos (Barbosa, Pereira & Oliveira, 2014). Ações equivocadas podem aproximar os estudantes do consumo a partir da curiosidade gerada pelas informações, ao invés de retardá-lo ou ainda servir como elemento desmotivador da experimentação e uso regular.

Ao contrário de intervenções tradicionais, alguns trabalhos de educação sobre drogas em espaços educacionais têm sido realizados com outros objetivos para além da ênfase na transmissão de informações de modo isolado, tais como aqueles que utilizam a abordagem das habilidades sociais. Dentre os estudos que apontam resultados favoráveis com intervenções para educação sobre drogas tendo como mediação essas habilidades, está o trabalho de Romero e Alexis (2015). A partir de 16 sessões com oficinas participativas e motivacionais durante três meses e meio, a pesquisa foi desenvolvida almejando fortalecer as habilidades sociais de 54 estudantes que apresentaram consumo elevado de álcool. Como resultados, foram observadas mudanças nos conhecimentos e atitudes dos adolescentes, sendo a intervenção significativa para amenizar os problemas do abuso de álcool com o fortalecimento das habilidades sociais.

Em outro estudo, num programa italiano denominado Life Skills Training envolvendo 3.058 estudantes de 55 escolas, Velasco, Griffin e Botvin (2017), desenvolveram 15 sessões de treinamento em habilidades com os estudantes do ensino médio no primeiro ano da pesquisa, com sessões de reforço nos dois anos subsequentes. Em comparação com o grupo que não recebeu o treinamento, na avaliação do programa foram encontrados resultados com menos uso de tabaco e álcool, melhora do conhecimento sobre o uso de substâncias e melhores níveis de assertividade e redução da ansiedade. Essas diferenças foram significativas tanto no final das intervenções quanto nas avaliações de acompanhamento de 1 e 2 anos após o início dos trabalhos.

Um dos aspectos importantes no trabalho de Velasco, Griffin e Botvin (2017) está na duração do programa, sendo efetuado no período de três anos. As ações que envolvem a educação sobre drogas tendem a apresentar resultados mais significativos quando desenvolvidas a longo prazo. Diferentemente das intervenções pontuais que se mostram limitadas, o reforço das sessões ao longo dos anos subsequentes são importantes para que haja manutenção do aprendizado obtido. Dentre os objetivos, espera-se que os estudantes retardem o primeiro consumo de álcool e outras drogas e/ou tenham um consumo não abusivo, bem como a manutenção nos aspectos relacionados à aquisição e fortalecimento das habilidades sociais.

Nas sessões de “Educação sobre drogas e Habilidades Sociais”, foi constatado o aprendizado ou o fortalecimento das habilidades sociais dos estudantes. Ao final da avaliação, as respostas abertas evidenciaram a aquisição destes novos conhecimentos e habilidades compreendidas pelos participantes como importantes para que os relacionamentos com as pessoas sejam melhores. Quando perguntados sobre situações no cotidiano durante o programa que apresentaram relação com o demonstrado nas sessões, as respostas que sobressaíram foram:

Sim, a questão da empatia e com o aprendizado das aulas consegui tornar-me um ser humano melhor, de me colocar no lugar do outro. Aprendi coisas que vou levar para o resto da vida (Estudante 9º ano).

Foi muito bom ter estudado este tipo de conteúdo, pois na situação em que estava, sabia como lidar graças ao ensino do professor (Estudante 7º ano). Alguns comentários que ouvi sobre drogas me lembrou das coisas que ouvi nas aulas de educação física e tive mais conhecimento sobre isso (Estudante 9º ano).

Aprendi a ter empatia, a elogiar as pessoas, conversar. Aprendi várias coisas, como lidar com as pessoas ao nosso redor, como devemos nos comportar diante de tal coisa (Estudante 8º ano).

Muitos participantes não sabiam o que era a empatia. As atividades e problematizações foram importantes para não apenas aprender sobre o significado dessa classe de habilidade social, mas também vivenciá-la com situações do cotidiano que puderam demonstrar aspectos da vida real. Abordar a empatia foi importante, já que problemas podem surgir nas relações interpessoais com a falta dessa habilidade para com o outro, inclusive colaborando para o uso abusivo de drogas.

Outro tema bastante pertinente no programa foi a assertividade. É especialmente no período da adolescência que as influências dos amigos representam um dos fatores que mais prevalecem, pois podem encontrar certo amparo junto àqueles que passam por momentos semelhantes. Devido ao cenário de vulnerabilidade, é fundamental que os adolescentes sejam assertivos e saibam emitir suas opiniões de maneira adequada, distanciando-se de comportamentos prejudiciais.

Deficits em assertividade e empatia não são exclusividades do público adolescente. Del Prette e Del Prette (2017) argumentam que ambas as classes apresentam-se como deficits na população em geral. Limberger, Trintin-Rodrigues, Hartmann e Andretta (2017) destacam que as habilidades de recusa de drogas foram as mais enfatizadas em estudos analisados durante e após o tratamento de usuários. Saber recusar pedidos incoerentes de maneira adequada estão entre as virtudes de pessoas assertivas.

Especificamente com o público adolescente, um levantamento realizado por Wagner e Oliveira (2007) com usuários de drogas ilícitas constatou, além da possibilidade do consumo para reduzir a ansiedade diante de contextos sociais, a dificuldade de dizer “não” aos pares para o

convite ao uso de drogas. Outros estudos apontaram que a falta de assertividade e autocontrole podem influenciar condutas infratoras e uso de drogas (Amaral, Pinto & Medeiros, 2015), do mesmo modo que o maior repertório de empatia, assertividade e abordagem afetiva possibilita uma frequência menor no consumo (Tatmatsu, 2016). Em pesquisa com 965 adolescentes de 50 escolas públicas de São Paulo, Cardoso e Malbergier (2013) identificaram que baixos níveis de habilidades sociais estiveram relacionados às dificuldades de enfrentamento de situações problemáticas e assertividade, sendo o uso de drogas associado à dificuldade para defender opiniões, ser influenciados pelos colegas, ter medo de lutar por seus direitos, dificuldade em dizer “não” e solicitar ajuda.

Os estudos mencionados apresentam percepções que vão na mesma direção de que uma das dificuldades do público adolescente quanto ao uso de drogas é seguir o que seus pares estão fazendo, e o uso de drogas pode fazer parte deste cenário. Mesmo que haja esse conhecimento, compreende-se que intervenções educativas sobre drogas que apenas informem o que é a assertividade não sejam suficientes para causar o impacto esperado. Com base nesses dados, para o presente programa foram utilizadas duas atividades (Círculo Fechado e Nem Passivo, Nem Agressivo: Assertivo) que pudessem envolver os estudantes e possibilitar a vivência de situações da vida real. O propósito foi elencar temas e possibilidades que estivessem direta e indiretamente associados com o abuso de drogas, mas que também o aprendizado pudesse ser estendido para o cotidiano de vida dos participantes visando incrementar aspectos positivos de suas relações interpessoais.

Quanto ao consumo de álcool e outras drogas por adolescentes, Scivoletto (2011) afirma que alguns fazem o uso inicialmente como recreação e acabam não desenvolvendo outras formas de divertimento. Já outros terão dificuldades para manter relacionamentos afetivos e encontrarão esta mediação no uso de drogas. Para a autora, quanto mais precoce for o consumo de qualquer substância psicoativa, maior será o risco de desenvolvimento deste processo, acarretando em dificuldades nas estratégias para lidar com situações problemáticas na vida adulta.

Os aspectos apresentados reforçam os fatores que contribuem para que as ações quanto ao uso de drogas ocorram antes da idade adulta, minimizando muitos problemas que podem decorrer do contato com o álcool e outras drogas no futuro. Diante disso, os programas de educação sobre drogas para crianças e adolescentes com base em evidências científicas têm sido formulados para que se busque o adiamento do primeiro consumo de drogas, ao invés de enfatizar a abstinência. E, caso haja estudantes que tenham consumido ou o façam de maneira regular, o propósito é contribuir para evitar que o uso evolua para o abuso de drogas. O presente programa de educação sobre drogas buscou atuar sobre estes princípios orientadores.

O método desenvolvido pelo programa aqui relatado deu ênfase às atividades interativas, procedimento que tem propiciado resultados expressivos em ações educativas por cativar a atenção e participação dos adolescentes, tornando-os protagonista no processo. As atividades de caráter lúdico contribuíram para melhor compreensão dos temas dos encontros e atuação dos participantes, culminando para que o programa fosse avaliado de forma positiva, como observou-se nas falas dos participantes. Os relatos dos estudantes demonstraram que:

As brincadeiras fazem aprendermos mais rápido sobre o conteúdo. Gostei muito das aulas; sempre foram muito interativas (Estudante 6º ano).

Achei bacana esta dinâmica nova de conteúdos diferenciados e fora da rotina. O professor conseguia fazer a aula ser legal e ao mesmo tempo fazer com que a gente se divertisse (Estudante 7º ano).

Aprendemos de forma divertida, fizemos várias brincadeiras e deu para aprender muita coisa, as quais tentarei não esquecer (Estudante 6º ano).

Intervenções que buscam a interação entre os participantes são características de ações que trazem bons resultados no trabalho com adolescentes, tendo mais chances de produzir mudanças de comportamentos (Barbosa, Pereira & Oliveira, 2014; Souza, Amato & Sartes, 2013). Com a ênfase na utilização de vivências, Del Prette e Del Prette (2014; 2017) defendem o uso de estratégias grupais para a promoção das habilidades sociais. Esse método ultrapassa as estratégias tradicionais utilizadas para trabalhos em grupo, trazendo novas perspectivas para as intervenções. Para os autores, as brincadeiras e os jogos são importantes por possibilitarem experiências importantes para o aprendizado da organização social, regras e desenvolvimento da competência social.

Por esta via, é possível compreender a importante função que a Educação Física pode desempenhar na escola (e fora dela) ao propor ações educativas sobre o álcool e outras drogas, bem como de habilidades sociais. As aulas desse componente curricular da educação básica, tendo como base os jogos, as brincadeiras e outras práticas corporais que despertam a atenção dos estudantes, podem se apresentar como propícias para ações com educação sobre drogas. As atividades interativas que podem fazer parte da disciplina de Educação Física são consideradas significativas para o trabalho com o público adolescente, algo que se mostrou fundamental neste trabalho.

As práticas corporais que contemplam os objetos de conhecimento da Educação Física escolar podem ser estratégias mediadoras para a educação sobre drogas. Entretanto, para além dos métodos interativos como mediadores para o trabalho de educação sobre drogas, a Educação Física é subsidiada por conteúdos que podem contribuir de maneira direta com questões discutidas no cenário social, como o racismo, desigualdades sociais, gênero e consumo de drogas. Pensando desse modo, é possível pensar as abordagens da disciplina Educação Física para além dos muros das escolas e promover outros tipos de conhecimento.

Romera, Ortuzar e Quintana (2020) discutem o fazer pedagógico da Educação Física escolar no contexto atual, e entendem que essa disciplina, assim como outras, pode proporcionar discussões presentes na sociedade, sendo que o consumo de álcool e outras drogas faz parte do contexto de lazer daqueles que ainda não atingiram a idade adulta. É possível, dentre outros exemplos destacados pelas autoras, promover reflexões críticas e atividades dialogadas sobre esporte e consumo e do *binge drink* (o consumo de 5 ou mais doses de bebidas alcoólicas em uma única ocasião), a partir das reflexões sobre lazer e consumo. Para as autoras, a partir desses exemplos, pode-se pensar a Educação Física como importante componente para a formação crítica dos estudantes frente as discussões de temas que estão presentes na sociedade e no cotidiano dos estudantes.

Na direção aos apontamentos de Romera, Ortuzar e Quintana, é possível pensar a Educação Física e sua contribuição educacional e social de modo que ultrapasse o aspecto biomédico ou cunho esportivo, haja vista que, no Brasil, esta discussão tem promovido constantes debates entre pesquisadores da área desde o final do século passado. A partir desta compreensão, agrega-se outros componentes às especificidades da Educação Física na escola, e sua potencialidade para a formação dos estudantes passa a ser em múltiplos sentidos. Mesmo assim, falar em educação sobre drogas parece não estar em evidência entre os objetos de conhecimento que contemplam essa disciplina, mesmo que a ênfase sobre a saúde a perpassasse ao longo de sua história.

Compreende-se que medidas de tratamento ou ações com a educação sobre drogas não são estratégias que se limitam apenas a determinados campos de estudos, como a saúde. Outras áreas também se mostram cruciais para pesquisas sobre o tema com diversos objetivos, como a antropologia, sociologia, filosofia, ciências sociais e geografia. Debater sobre o álcool e outras drogas não está reservado a disciplina de Ciências na educação básica, por exemplo. Do contrário, esse e outros temas devem ser desenvolvidos na escola de modo mais amplo, certo de que todas as disciplinas podem contribuir segundo suas particularidades. Nesse sentido, abordar o tema álcool e drogas nas aulas de Educação Física segue em direção das perspectivas que apontam o uso de drogas como parte da trajetória humana e objeto de discussão em variados campos do saber.

A partir da “janela da Educação Física”, Fensterseifer e Silva (2008) consideram que essa disciplina pode contribuir para que o estudante entenda melhor o mundo em que vive, papel não apenas relacionado a esse componente curricular. A partir desse olhar, é possível entender as disciplinas na escola não apenas como transmissoras de conteúdos e temas que não tenham relação com o cotidiano dos estudos, mas que, de modo oposto, possam dar sentido e estreita relação com o que ocorre fora da escola. Dentre as discussões sobre a funcionalidade da Educação Física intra e extraescolar, é possível trazer essa abordagem para dentro da disciplina e poder contribuir para a formação dos alunos de modo crítico, contribuindo para sua formação social e de sujeito ativo na sociedade.

Pensar em uma educação sobre drogas com respeito ao indivíduo e no sentido oposto ao discurso proibicionista, é propiciar a formação capaz de contribuir para com o conhecimento acerca dos riscos e efeitos sobre o consumo, sem, necessariamente, inibir a liberdade de escolha. A escola se encontra em uma posição social privilegiada para que o tema seja abordado e alcance os estudantes de uma forma mais eficiente que outros espaços.

Considerações Finais

O programa “Educação sobre drogas e Habilidades Sociais” buscou problematizar a temática para minimizar os riscos quando e se houver o consumo de álcool e outras drogas, apontando informações que visam tratar o tema de modo geral, e não apenas ressaltar experiências negativas que são divulgadas pela mídia e que não representam em sua totalidade a realidade concreta. Mesmo que parte dos estudantes avaliados nesse trabalho não tenham experimentado algum tipo de drogas, ou o consumo não seja regular, é importante propiciar ações anteriores as essas experiências.

Como apontado na avaliação, a maioria dos estudantes aprovou o programa, fato importante para que seja dado continuidade nos anos seguintes. A boa aceitação pode estar relacionada a dois fatores principais: assuntos que despertam a atenção dos envolvidos pela implicação direta com o cotidiano (seja acerca do tema drogas ou as diferentes classes de habilidades sociais) e; a metodologia interativa das sessões. Mesmo fazendo parte da grande área da saúde, observa-se que discussões e/ou ações sobre drogas enquanto Educação Física escolar estão aquém da ênfase que o assunto necessita ser abordado, frente à relevância no panorama nacional e mundial.

Entretanto, é preciso frisar que abordar a temática das drogas e/ou das habilidades sociais no contexto escolar não deve ser compreendida como tarefa de apenas uma disciplina, como a

Educação Física. Pelo contrário, esses temas, assim como outros que são intrínsecos ao contexto dos estudantes, devem atravessar múltiplas áreas frente à necessidade dos educandos que, tão importante quanto ao conhecimento tradicional, precisam ser orientados para a vida.

Uma das limitações deste trabalho foi a avaliação ao final do programa somente a partir do *Google Formulários*, sendo que outras metodologias poderiam ser somadas para ampliar a produção de dados sobre a percepção dos participantes. Mesmo assim, percebem-se possibilidades entre a disciplina de Educação Física com a abordagem das habilidades sociais como mediadora para a educação sobre drogas e promoção da saúde na escola, gerando oportunidades para que e outros trabalhos nesta direção possam ser desenvolvidos por diferentes áreas. Por mais que gestores e professores não tenham preparo para lidar com o tema drogas em sua formação acadêmica, é necessário investimento na educação continuada desses profissionais para que possam atuar com maior autonomia e segurança.

Referências Bibliográficas

- Aliane, P. P., Lélío, M. L., & Ronzani, T. M. (2006). Estudo comparativo das habilidades sociais de dependentes e não dependentes de álcool. *Psicologia em Estudo*, 11, 83-88. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000100010>
- Amaral, M. P., Pinto, F. J. M., & Medeiros, C. R. B. (2015). Las habilidades sociales y el comportamiento infractor en la adolescencia. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 19, 17-38.
- Babor, T. F., Higgins-Biddle, J., Saunders, J., & Monteiro, M. (2001). *The alcohol use disorders identification test: guidelines for use in primary care*. Genebra: World Health Organization.
- Barbosa A. J. G., Pereira C. E. S., Oliveira C. (2014). Prevenção escolar ao uso de drogas por adolescentes: intervenções que funcionam. In: Ronzani, T. M, Silveira, O. S. (Orgs.), *Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no contexto escolar* (pp. 49-70). Juiz de Fora: Ed. UFJF.
- Bastos, F. I. P. M., Vasconcellos, M. T. L., De Boni, R. B., Reis, N. B., & Coutinho, C. F. S. (2017). *III Levantamento nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz/ICICT.
- Brasil (1998). Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Educação Física*. Brasília, DF: MEC/SEF.
- Brasil (2016). *Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2015*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.
- Brasil (2017). Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC.
- Caballo, V. E. (2016). *Manual de avaliação e treinamento das Habilidades Sociais*. São Paulo: Santos.
- Cardoso, L. R. D., & Malbergier, A. (2013). Habilidades sociais e uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas em adolescentes. *Psicologia Argumento*, 31, 761-768. <http://dx.doi.org/10.7213/psicol.argum.31.075.AO13>
- Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (2012). *VI levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio das redes pública e privada de ensino nas 27 capitais brasileiras*. Retirado de

<https://www.cebrid.com.br/wp-content/uploads/2012/10/VI-Levantamento-Nacional-sobre-o-Consumo-de-Drogas-Psicotrópicas-entre-Estudantes-do-Ensino-Fundamental-e-Médio-das-Redes-Pública-e-Privada-de-Ensino-nas-27-Capitais-Brasileiras.pdf>

- Coelho, F. J. F., & Monteiro, S. (2017). Educação sobre Drogas: Possibilidades da EaD na Formação Continuada de Professores. *EaD em Foco*, 7, 194–204. <https://doi.org/10.18264/eadf.v7i2.577>
- Cruz, L. A. N., Martins, R. A., & Silva, I. A. (2016). *Meus alunos estão bebendo! E agora?:* guia teórico-prático para educar sobre intervenção breve para reduzir o consumo de álcool entre estudantes. Curitiba, PR: Editora Prismas.
- Cuijpers, P. (2002). Effective ingredients of school-based drug prevention programs: a systematic review. *Addictive Behaviors*, 27, 1.009-1.023. [http://dx.doi.org/10.1016/s0306-4603\(02\)00295-2](http://dx.doi.org/10.1016/s0306-4603(02)00295-2)
- Dallo, L. (2014). *Sensibilização de professores e alunos para a prevenção de uso abusivo de drogas e sexo desprotegido*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista. Marília. Retirado de <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/110464/000793641.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Del Prette, Z. A. P; Del Prette, A. (2014). *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, A., & Del Prette, Z. A. P. (2017). *Competência Social e Habilidades Sociais: Manual Teórico-prático*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Espada, J. P., Griffin, K. W., Pereira, J. R., Orgilés, M., & García-Fernández, J. M. (2012). Component analysis of a school-based substance use prevention program in Spain: contributions of problem solving and social skills training content. *Prev Sci*, 13, 86–95. doi: 10.1007/s11211-011-0249-y
- Felicissimo, F. B., Casela, A. L. M., & Ronzani, T. M. (2013). Habilidades sociais e alcoolismo: uma revisão da literatura. *Psicologia em Estudo*, 18, 137-145. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722013000100014>
- Fehlberg, J., & Menandro, P. R. M. (2015). *Trabalho, Igreja e Boteco: identidades em transformação entre descendentes de pomeranos do interior do Espírito Santo*. Vitória, ES: EDUFES.
- Fensterseifer, P. E., & Silva, S. P. (2008). Qualidade de vida e Educação Física: conhecimento e intervenção crítica na sociedade de consumo. *Caderno de Educação Física*, Marechal Cândido Rondon, 12, 55-58.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2020). *Cidades e estados*. Rio de Janeiro: IBGE. Retirado de: <https://www.ibge.gov.br>
- Jamali, S., Sabokdast, S., Nia, H S., & Goudarzian, A. H. (2016). The effect of Life Skills Training on mental health of Iranian middle school students: a preliminary study. *Iran Journal of Psychiatry*, 11, 269-272.
- Limberger, J., Trintin-Rodrigues, V., Hartmann, B., & Andretta, I. (2017). Treinamento em habilidades sociais para usuários de drogas: revisão sistemática da literatura. *Contextos Clínicos*, 10, 99-109. <https://doi.org/10.4013/ctc.2017.101.08>
- Machado, G. J. (2020). *Treinamento em habilidades sociais na prevenção ao abuso de álcool e outras drogas*. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. Retirado de http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_14543_Tese%20-%20Gelsimar%20Jos%E9%20Machado.pdf

- Ministério da Saúde (MS) (2017). *Programa #tamojunto: prevenção na escola - guia do professor* [documento na Internet]. Brasília: Retrieved from: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa_tamojunto_prevencao_escola_guia_professor.pdf.
- Midford, R. (2009). Drug prevention programmes for young people: where have we been and where should we be going? *Addiction*, 105, 1688–1695. 10.1111/j.1360-0443.2009.02790.x
- Moffat, B., Haines-Saah, R. J. & Johson, J. L. (2017). From didactic to dialogue: Assessing the use of an innovative classroom resource to support decision-making about cannabis use. *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 24, 85–95. <https://doi.org/10.1080/09687637.2016.1206846>
- Moreira, A., Vóvio, C. L., & De Micheli, D. (2015). Drug abuse prevention in school: challenges and possibilities for the role of the educator. *Revista de Educação e Pesquisa*, 41, 119-134. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022015011670>
- Mota, J. da S. (2019). Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. *Revista Humanidades e Inovação*, 12, 372-380.
- Potratz, T. F.; Costa, A. A., & Jardim, A. P. (2015). Pomeranos e violência: um estudo fenomenológico. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*, 4, 162-176. [https://doi.org/10.17063/bjfs4\(2\)y2015162](https://doi.org/10.17063/bjfs4(2)y2015162)
- Romera, L. A., & Machado, G. J. (2020). Redução de vulnerabilidades e habilidades para a vida. In: Coelho, F. J. F., & Silva, M. de L. da (Eds). *Memórias do I Encontro Abramd Educação Rio de Janeiro: entre vivências e resistências, um dia para conversar sobre drogas* (pp. 85 - 94). Curitiba: Brazil Publishing.
- Romera, L. A.; Ortuzar, M; O., & e Quintana, I. L. (2020). Educação Física escolar e desafios contemporâneos: lazer, juventude e consumo de bebidas. *Revista Humanidades e Inovação*, 10, 238-252.
- Romero, R. M. L., & Alexis, L. R. (2015). Abuso de alcohol e intervención mediante habilidades sociales en estudiantes del colegio “Ezequiel Cárdenas Espinoza” Azogues-Ecuador. *Rev. Fac. Cienc. Méd. Univ.*, 33, 57-64.
- Sá, L. G. C., & Del Prette, Z. A. P. (2014). Habilidades sociais como preditoras do envolvimento com álcool e outras Drogas: um estudo exploratório. *Interação em Psicologia (Online)*, 18, 167-178. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v18i2.30660>
- Scivoletto, S. (2011). Mudanças psicológicas na adolescência e o uso de drogas nesta faixa etária. In Silva, E. A., & De Micheli, D. (Eds.). *Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa* (pp. 71-90). São Paulo, SP: Editora Fap-Unifesp.
- Sodelli, M. (2010). *Uso de drogas e prevenção: da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidades*. São Paulo: Iglu.
- Souza, I. C. W., Amato, T. C., Sartes, L. M. A. (2013). Abordagem com adolescentes sobre o uso de álcool e outras drogas. In: Rozani, T. M. (Eds). *Ações Integradas Sobre Drogas: prevenção, abordagens e políticas públicas* (pp. 179-206), Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Tatmatsu, D. I. B. (2016). *Habilidades sociais e estilos parentais de adolescentes usuários de drogas: estudos empíricos e análise da política de prevenção*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo. Retirado de https://ppgpsi-ufscar.com.br/images/arquivos/teses-defendidas/057-Tesedibt_235901.pdf
- Thiollent, M. (2005). *Metodologia da pesquisa-ação*. 14. ed. aum. São Paulo: Cortez.

Velasco, V., Griffin, K. W., & Botvin, G. J. (2017). Preventing adolescent substance use through an evidence-based program: effects of the italian adaptation of life skills training. *Prev Sci*, 18, 394–405. doi: 10.1007/s11121-017-0776-2

Wagner, M. F.; & Oliveira, M. S. (2007). Habilidades sociais e abuso de drogas em adolescentes. *Psic. Clin.*, 19, 101–116. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652007000200008>

SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND DRUG EDUCATION: A FIELD FOR DEVELOPING SOCIAL SKILLS

Abstract

This work aims to analyze the results of a program called Education on Drugs and Social Skills, developed in a school in the interior of the state of Espírito Santo, Brazil, in physical education classes Physical Education. 145 elementary and high school students aged between 11 and 17 years participated. There were 10 themed meetings about alcohol and other drugs and social skills with evaluation at the end using Google Forms. The program was well accepted by the participants and contributed with new knowledge on the topic of drugs. It is concluded that social skills can present themselves as one of the important resources for drug education allowing other areas of the life of those involved to be problematized.

Keywords: social skills; drug abuse prevention; adolescence.